

História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Madruga Monteiro, Lorena

Considerações sobre a atuação da Companhia de Jesus na formação dos grupos
dirigentes no Rio Grande do Sul

História Unisinos, vol. 15, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 100-111

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866826012>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Considerações sobre a atuação da Companhia de Jesus na formação dos grupos dirigentes no Rio Grande do Sul

Considerations on the activities of the Society of Jesus in the training of the leading groups in Rio Grande do Sul State

Lorena Madruga Monteiro¹

lorena.madruga@gmail.com

Resumo. A produção intelectual sobre a restauração católica no Brasil é vasta e diversificada. Abrange desde estudos do ponto de vista eclesiástico, da História da religião católica no Brasil, até análises de cunho sociológico acerca das trajetórias dos principais representantes na esfera intelectual ou em relação ao recrutamento e tipos de carreiras eclesiásticas. Nosso objetivo, frente a tal diversidade de temáticas, aportes e relações privilegiadas, é destacar as relações entre a Igreja Católica e a formação escolar e religiosa dos grupos dirigentes durante o século XX através da análise da trajetória da Ordem dos Jesuítas no Brasil. Nesta direção – tomado como base o caso do Rio Grande do Sul – buscou-se, por um lado, apreender as condições sociais e políticas que favoreceram a instalação e a manutenção dos empreendimentos e instrumentos de restauração católica dos jesuítas – seus educandários e suas Congregações Marianas – e, por outro, destacar as avaliações e os sentidos atribuídos por aqueles indivíduos cujas trajetórias se vincularam a essas instituições católicas, de que constituíam uma elite cuja missão residia na restauração das instituições laicas para o catolicismo.

Palavras-chave: Igreja Católica, Jesuítas, elites, restauração católica.

Abstract. The intellectual production on the Catholic restoration in Brazil is vast and diverse. It ranges from studies conducted from the ecclesiastical point of view, the history of Catholicism in Brazil, to analyses of a sociological nature on the careers of its main intellectual representatives or on their recruitment and careers in the church. Given such a diversity of topics, contributions and privileged relations, the article intends to highlight the relations between the Catholic Church and the school and religious education of the leading groups in the 19th century through an analysis of the history of the Jesuits in Brazil. Thus, based on the case of the state of Rio Grande do Sul, it discusses the social and political conditions that favored the installation and maintenance of the enterprises and instruments of the Catholic restoration promoted by the Jesuits, viz. their schools and Marian Congregations. It also considers the evaluations and meanings ascribed to the movement by those individuals whose careers were associated with those Catholic institutions. They were an elite of the latter who had the mission of restoring the lay institutions for Catholicism.

Key words: Catholic Church, Jesuits, elites, Catholic restoration.

¹ Mestre em Ciência Política pela UFRGS e doutoranda em Ciência Política pela mesma instituição. Bolsista CAPES. Pesquisadora associada ao CI-SOAL/UFRGS (Grupo de pesquisa em Ciências Sociais da América Latina).

Introdução

Em torno dos processos instaurados com a romanização e reorganização institucional da Igreja que se situa a maioria dos estudos, independentemente da área disciplinar a qual se filiam, sobre a restauração católica no Brasil. Dentre as análises mais específicas dessa problemática destacam-se aquelas dedicadas ao exame do recrutamento, da formação e da atuação dos quadros eclesiásticos (Miceli, 1988; Seidl, 2003; Serbin, 1992, 2008); aquelas que analisam a relação das novas Dioceses com as oligarquias regionais, com destaque para a atuação de certos bispos reformadores (Isaía, 1998), e, mais recentemente, aquelas centradas no papel dos Ginásios católicos na escolarização das elites republicanas (Dallabrida, 2001; Leonardi, 2002; Manoel, 1996).

Nosso objetivo, frente tal diversidade de temáticas, aportes e relações privilegiadas nas mais variadas áreas disciplinares que enfrentaram esta temática, é destacar a atuação das ordens religiosas no processo de restauração católica no Brasil. Com tal intuito, optou-se pela análise das relações historicamente estabelecidas entre a Igreja Católica e a formação escolar e religiosa dos grupos dirigentes durante o século XX através da trajetória da Ordem dos Jesuítas no Brasil. A escolha desta Ordem religiosa justifica-se porque, desde sua fundação por Ignácio de Loyola e sua aprovação pelo Papa João Paulo III em 1540, passando por sua supressão em 1773 e o seu retorno em 1814, a Companhia de Jesus foi considerada o braço de Roma e, deste modo, fiel às determinações da Cúria Romana em seu projeto de restauração católica (Wright, 2006). Ademais, como demonstrou Lacouture (1993), em sua reflexão sobre as atividades dos jesuítas a partir do século XIX, percebe-se que, para implantar e manter as diretrizes católicas em cada país em que atuaram, os membros desta Ordem religiosa buscaram aproximar-se das elites políticas e sociais, seja como conselheiros dos grupos dirigentes e das famílias influentes, seja através da formação escolar e religiosa desses grupos.

Levando em conta essas questões, analisou-se, mesmo que ainda de modo preliminar, a atuação da Ordem dos Jesuítas na formação de grupos dirigentes católicos no Rio Grande do Sul. Para isto, inicialmente, a partir da descrição da relação dos jesuítas com a elite política e com grupos sociais específicos, buscou-se apreender as condições sociais e políticas que favoreceram a instalação e a manutenção dos empreendimentos e dos instrumentos de restauração católica dos jesuítas (seus educandários

católicos e suas Congregações Marianas) no Rio Grande do Sul. Após, com o intuito de demonstrar o alcance social do projeto de restauração católica dos jesuítas neste contexto, destacamos as avaliações e os sentidos atribuídos por aqueles indivíduos cujas trajetórias se vincularam a essas instituições católicas coordenadas pelos jesuítas, de que constituíam uma elite cuja missão residia na restauração das instituições laicas para o catolicismo.

Acredita-se que este tipo de atuação da Companhia de Jesus restaurada não se restringiu apenas à dinâmica social do Rio Grande do Sul; pelo contrário, pode ser estendida para as outras regiões do Estado brasileiro nas quais os jesuítas se fixaram². No entanto, o caso do sul do Brasil é emblemático, além de pioneiro, dado que os jesuítas adquiriram posição de destaque no cenário rio-grandense, tendo seus empreendimentos – escolares e religiosos – reconhecidos socialmente, o que justifica seu estudo.

Neste sentido, para melhor compreensão das atividades da Companhia de Jesus restaurada no Rio Grande do Sul, dividimos a exposição do artigo em duas partes. Inicialmente, destacamos os condicionantes que possibilitaram a fixação e manutenção dos empreendimentos dos jesuítas e, por fim, demonstramos como os grupos formados por esses jesuítas manifestavam seu pertencimento ao projeto de restauração católica.

Os condicionantes da missão dos jesuítas alemães no sul do Brasil: o processo imigratório e a relação com a elite republicana

Tomando como base os dados históricos sobre a trajetória da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul divulgados pelo Pe. Jorge Alfredo Lutterbeck S.J. e pelo Pe. Ambros Schupp S.J. e uma série de trabalhos dedicados à análise do “catolicismo imigrante” (De Boni, 1980; Kreutz, 1991; Felix, 1994; Seidl, 2008), assim como certas análises sobre a atuação dos Jesuítas no projeto de restauração católica no sul do Brasil (Rambo, 1995, 2002; Isaía, 1998), destacamos, por um lado, os condicionantes dos empreendimentos dos jesuítas – como a sua vinculação com o processo imigratório e as atividades desenvolvidas nas colônias alemãs – e, por outro, o tipo de relacionamento que desenvolveram com as elites sociais e políticas, seja os entendimentos firmados com o grupo republicano no poder ou através da escolarização

² A associação com grupos sociais específicos, em especial, a confluência entre o país de origem das missões jesuíticas e o dos imigrantes, a ligação inicial com famílias influentes e certos grupos das elites políticas e o deslocamento dos investimentos educacionais e religiosos dos jesuítas das regiões coloniais para as urbanas, também se verifica, não com o mesmo impacto, na atuação da missão romana em São Paulo. Essas questões vêm sendo desenvolvidas na tese de doutorado da autora, provisoriamente intitulada *Religião, cultura e política: O apostolado leigo dos jesuítas no Rio Grande do Sul (1920-1960)*.

deles. Para tanto, no entanto, é preciso contextualizar o trajeto da Companhia de Jesus restaurada no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, como se desenvolve adiante.

Os primeiros jesuítas que chegaram ao Rio Grande do Sul após a restauração das atividades da Companhia de Jesus a partir de 1814 representavam a província espanhola. Impossibilitados de trabalhar na Argentina, com a expulsão da Ordem decretada por Rosas em 1842, e não encontrando condições de trabalho apostólico no Rio de Janeiro, foram mandados ao sul do Brasil para desenvolver a religião católica entre os grupos imigrados da Europa e os grupos nativos pouco afeitos às práticas religiosas. Schupp (2004 [1912]), em seu relato, destaca que, apesar do governo permitir que os colonos alemães tivessem seus curas de almas, tal permissão e eventual subsídio financeiro não se estendia aos padres estrangeiros, o que acarretou uma série de dificuldades a essa missão dos jesuítas, composta inicialmente por Pe. Córís, Pe. Satró e o irmão Gabriel Fiol.

Além disso, Schupp (2004 [1912]) e Lutterberg (1977) descrevem outras dificuldades com que tal missão se deparou, em especial a questão do idioma, de um lado a apreensão e a compreensão da língua portuguesa, nas missões nas regiões lusas, e, por outro, o idioma alemão nas atividades desenvolvidas nas regiões coloniais. Por isso, intensificaram, num primeiro momento, suas atividades missionárias em Porto Alegre e no interior do Estado (Viamão, Pelotas, São Francisco de Paula, Santo Antônio da Patrulha, entre outras) para aprender o português e, posteriormente, buscaram compreender a língua alemã para atender os grupos de imigração nas colônias teutas.

No decorrer dessas atividades, juntaram-se a esses jesuítas espanhóis o Pe. Mariano Bertugo, Superior da Companhia, e o Pe. Manuel Martós. Naquele momento, conforme os comentadores jesuítas, a missão começou a fixar-se no sul do país, estabelecendo residência em Porto Alegre e em Florianópolis, com a casa dos Jesuítas do Desterro fundada pelo Pe. Bertugo, em 1843. Instalados, esse grupo de jesuítas, além das atividades de cura e apostólicas realizadas, fundou, em 1844, um curso de Latim em Florianópolis, que pode ser considerado o primeiro colégio da Companhia restaurada no Brasil. No entanto,

[s]ó alguns poucos anos de existência estavam reservados a esse colégio tão promissor, pois em 1853, quando os padres abriam um novo ano escolar com matrícula então expressiva de 75 alunos, principiou a alastrar-se pela cidade o pânico causado pela terrível febre amarela. O flagelo exigia vítimas diárias, pelo que o colégio teve de suspender suas aulas. Quatro padres e cinco alunos, sem falar de outros religiosos, foram sucessivamente arrebatados pela fúria da peste. Somente três dos padres conseguiram escapar (Lutterbeck, 1977, p. 28).

Com o fechamento do colégio, os jesuítas espanhóis abandonaram Santa Catarina em 1855. Os jesuítas da missão espanhola que permaneceram em Porto Alegre, por sua vez, também enfrentaram dificuldades, dada a situação financeira precária em que se encontravam. Deste modo, a residência em Porto Alegre foi fechada, parte dos jesuítas espanhóis seguiu para Montevideu e outros para Assunção. Sobre isto Lutterbeck (1977) relata que, embora o Barão de Caxias – o presidente da província do Rio Grande do Sul – tenha manifestado o desejo que a Companhia fundasse uma escola secundária em Porto Alegre, nada foi feito para que se concretizasse, mesmo com a volta de alguns desses religiosos.

Em relação a atividades nas colônias alemãs, neste primeiro momento, a falta de domínio do alemão consistiu num impedimento para os jesuítas espanhóis. Mesmo assim, a partir de 1844, investiram em atividades esparsas de confissão dos colonos e reproduziram alguns sermões em português, embora a maioria dos imigrantes alemães de São Leopoldo pouco compreendesse.

Essa situação se alterou com a intensificação do processo imigratório para o Rio Grande do Sul, após a Revolução Farroupilha, uma vez que tanto os jesuítas quanto o presidente da província pediram aos superiores da Ordem e a Roma que enviassem padres de língua alemã para o sul do Brasil (Schupp, 2004 [1912]; Lutterbeck, 1977). Vieram, simultaneamente ao ingresso do segundo grupo de imigrantes teutos ao Rio Grande do Sul, em 1849, o Pe. Agostinho Lipinsk (polonês), Pe. João Sedlac (tcheco) e o irmão Antônio Sonntag (silesiano) para as colônias de São Leopoldo e Dois Irmãos. Lutterbeck (1977) destaca que, enquanto os jesuítas de língua alemã se dirigiam ao atendimento dos teutos-católicos, os jesuítas espanhóis, a pedido do governo da província do Rio-Grande do Sul, retomaram os trabalhos apostólicos entre os índios, retomando, em menor grau, os empreendimentos realizados nas missões jesuíticas do período colonial. No entanto:

Esta obra, tão auspiciosamente começada, acabou bem mais cedo do que teria se pensado. Em 1852, quando começou a luta contra a Companhia em Porto Alegre, as reduções dos índios não só foram a primeira vítima, senão também a ocasião principal dos ataques contra os jesuítas. A assembleia dos Deputados do Rio Grande do Sul publicou um decreto, ordenando que as aldeias passassem de imediato aos cuidados dos Padres Capuchinhos, vista a constitucionalidade da oferta a uma seita protestante, e que os jesuítas as abandonassem sem mais. [...] Passados, porém, apenas dois anos, a mesma assembleia revogou o decreto supra e tornou a pedir aos mesmos padres jesuítas espanhóis, que novamente mandassem missionários seus para os acampamentos de índios. [...] Nesse ínterim, contudo, a maioria dos antigos

missionários já se havia se retirado do sul do país e se encontrava trabalhando em outros postos de apostolado nas repúblicas vizinhas (Lutterberg, 1977, p. 48.)

Com poucos jesuítas espanhóis no Estado, os padres de língua alemã tornaram-se hegemônicos na missão jesuítica e suas atividades foram intensificadas a partir da nomeação de Dom Sebastião Dias Laranjeira, em 1861, para o bispado do Rio Grande do Sul, uma vez que este passou a direção do Seminário Episcopal para os jesuítas. Contudo, para assumir o Seminário, de 1861 a 1865, o Pe. João Beckx, o geral da Ordem, enviou para Porto Alegre três padres da província romana da Companhia de Jesus, e em seguida chegou o Pe. José Repetti, acompanhado de mais dois padres italianos. Desse modo, a missão jesuítica no Estado do Rio Grande do Sul passou da província espanhola para a romana, uma vez que os italianos assumiram o seminário, a assistência espiritual das religiosas e o ministério do confessionário, e os padres da missão alemã continuavam suas atividades junto os grupos teutos-católicos (Lutterbeck, 1977).

Parte do grupo de jesuítas da missão italiana dirigiu-se para Florianópolis, visto que o Pe. Jacques Razzini³ e Pe. Emídio Pardocchi foram mandados para negociar com a Assembleia Legislativa daquele Estado a criação de um colégio dos jesuítas. Em 1865, ambas as partes – o poder legislativo de Santa Catarina e os jesuítas – acordaram a fundação de um colégio destinado a ministrar as matérias necessárias para o ingresso nas faculdades imperiais, tanto em regime de externato como de internato. Como o governo doou o terreno e se comprometeu com a ajuda financeira para o desenvolvimento pedagógico do Colégio, este foi fundado em 1866, com o nome de Santíssimo Salvador. De acordo com Lutterbeck (1977), este educandário teve existência efêmera, de um lado em função da reação liberal e anticlerical dos grupos catarinenses divulgadas na imprensa, e por outro porque se separaram com a concorrência de outros educandários, a partir da reabertura dos liceus. Assim, com o fechamento desse Colégio, parte da missão romana seguiu para Nova Trento atender aos imigrados italianos recém-chegados.

Já a missão alemã no Rio Grande do Sul sofreu um incremento de pessoal a partir de 1872, quando os jesuítas foram expulsos da Alemanha pela *Kulturkampf* de Bismarck. Anteriormente, porém, desde 1858, vinham intensificando suas atividades nas colônias teutas, especialmente em São Leopoldo, seja na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, ou na residência dos jesuítas, fundada na década de 1860. Em relação às atividades paroquiais dos

jesuítas, Schupp (2004 [1912]) e Lutterbeck (1977) relatam que os religiosos enfrentaram muitas adversidades e oposições, especialmente na imprensa, uma vez que os grupos teutos em São Leopoldo e nas demais colônias alemãs dividiam-se entre católicos e protestantes, ao contrário das colônias italianas, em que a maioria dos imigrados eram católicos. No entanto, a partir da década de 1870, apesar das adversidades e oposições,

[a] cura das almas na colônia ia sempre crescendo e crescendo. Isto se deve em grande parte ao Kulturkampf, que importou numa verdadeira perseguição movida por Bismarck contra os jesuítas alemães, os quais tiveram de deixar o seu torreão natal e buscar nova pátria no desterro. Assim, novos reforços pastorais puderam vir para o Brasil, de modo especial para o serviço sacerdotal nas colônias teutas do Rio Grande, aumentando sensivelmente o número de operários evangélicos em plagas gaúchas. Ficou em pé, no entanto, a dificuldade jurídica desta situação perante a Ordem: considerada séria não por poucos Superiores maiores da Companhia. Pois, como foi dito, o instituto dos jesuítas não permitia uma cura ordinária de almas, sustentada por mais tempo em regime paroquial (Lutterbeck, 1977, p. 79).

A opção tomada pelos jesuítas da missão alemã foi a escolarização dos grupos teutos católicos através de suas escolas paroquiais, elementares e secundárias. A concretização e manutenção de tais empreendimentos dependeram de certos elementos. Nesta direção, Lúcio Kreutz (1991) destacou a conexão de certas características culturais de parte dos grupos imigrantes alemães com o projeto de restauração católica orientada pelos jesuítas. Por exemplo, a implantação de escolas elementares e paroquiais similares àquelas da região do rio Reno, em especial de Hunsrück, região de que advinha a maior parte dos teutos católicos. Além disso, esta região apresentava certas características que têm relação com o comportamento religioso dos imigrantes alemães, conforme Kreutz (1991, p. 17):

A partir de 1875, com o tratado de Viena, a região do Hunsrück foi anexada à Prússia, Renânia [...] a nível religioso poder-se-ia dizer que a Prússia, com larga predominância de evangélicos se identificou com o espírito da Aufklärung (ilustração), sendo que o Hunsrück foi terreno fértil para a Contra-Reforma [...]. A Prússia simbolizava a consciência política, o Hunsrück o conservadorismo agrário, a Prússia o dinamismo industrial – em termos de Alemanha –, o Hunsrück o ritmo da natureza.

³ O Pe. Jacques Razzini, após sua estada no Desterro, fundou o Colégio São Luiz, em Itu, interior do Estado de São Paulo, em 1867.

Assim sendo, os jesuítas implantaram um amplo sistema escolar baseados em suas paróquias, traduzindo a tradição rural das regiões alemãs de origem dos imigrantes. Tais escolas paroquiais seguiam o método pedagógico dos jesuítas – a *Ratio Studiorum* – cujos procedimentos se baseavam na disciplina rígida, na repetição e na emulação (competição) com o objetivo de inculcar comportamentos dóceis e rituais que combinavam com as práticas do catolicismo romanizado. Portanto, o professor paroquial foi um elemento indispensável ao processo de romanização e revitalização do catolicismo nas colônias teutas, uma vez que,

[f]ormado na tradição disciplinar e teológica da Companhia de Jesus, presente na grande maioria das comunidades rurais da zona alemã e gozando de respeito e admiração junto à população, o professor paroquial – praticamente um sacerdote leigo atuante em todas as dimensões da vida comunitária – encarnou instrumento dos mais eficientes ao enquadramento moral e religioso dos teuto-brasileiros católicos. À medida que percebiam o potencial de sua dupla ação como professor e líder comunitário, os jesuítas trataram de investir numa capacitação que lhes fornecesse melhores recursos para levar a cabo a tarefa de ensinar e de liderar dentro de perspectivas pedagógicas e morais fundamentadas na filosofia cristã (Seidl, 2008, p. 84).

Neste sentido que se comprehende a fundação do Ginásio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. Fundado originalmente como uma escola normal destinada a formar os filhos dos colonos para o magistério ou o sacerdócio, em seu desenvolvimento histórico consagrou-se como uma instituição formadora das elites riograndenses, como analisaremos mais adiante.

Entre a escola paroquial e a escola secundária, destacaram-se também, dentre os investimentos educacionais dos jesuítas, não mais nas colônias, mas na capital do Estado, as escolas complementares, como a Escola João José, o próprio Ginásio Conceição em seu primeiro período e a casa do Pe. Francisco Trappe (que se tornará o Ginásio Anchieta). Essas escolas foram concebidas para que “os homens do interior colonial participassem da vida política do país ou de que houvesse gente preparada, conchedora do homem da colônia e disposta a defender seus interesses vitais” (Lutterbeck, 1977, p. 99). Entretanto, com o intuito de evitar que a formação católica dos colonos fosse questionada e até dissipada no contato com grupos laicos no meio urbano durante a preparação escolar dos católicos teutas na capital do Estado em seus

colégios complementares, os jesuítas alemães instauraram um de seus instrumentos de restauração católica: as Congregações Marianas⁴. Tais instituições, que a princípio se destinavam a esses jovens das regiões de imigração alemã, foram retomadas na formação religiosa das elites regionais nos educandários dos jesuítas, como destacaremos adiante.

Em relação à preparação dos grupos teutos para a intervenção na vida pública do Estado, importa ainda ressaltar, além desses investimentos escolares, uma rede de organizações econômicas, sociais e recreativas, cuja origem remete aos Congressos Católicos, desenvolvidas pelos jesuítas entre os grupos teuto-católicos que impulsionaram o projeto de restauração católica. Dentre estas se destacam a Associação dos Professores Teuto-Católicos, a União Popular (União dos Agricultores), o Partido Católico, a imprensa católica de língua alemã. Tais empreendimentos, embora de natureza diversa, tiveram elementos comuns, conforme discorre Seidl (2008, p. 87) em relação à trajetória da *União Popular*:

A tentativa de vincular leigos de posição social às instituições de maior abrangência foi parte da estratégia de ampliação do leque de influência católica, cujo auge seria alcançado nas décadas seguintes. Dentre os casos mais significativos está a cooptação de pessoas em posição social de destaque – como jornalistas, políticos e médicos pertencentes a famílias disposto de relações extensas e socialmente relevantes – para assumir postos de coordenação em associações e na imprensa, dessa forma conferindo prestígio e notoriedade a tais órgãos ao mesmo tempo que mobilizaram suas redes familiares e de amizade na adesão ao projeto católico, dando maior visibilidade e capacidade de penetração.

Todos esses investimentos educacionais, movimentos associativos e comunitários, originados a partir de 1898, data do primeiro Congresso Católico, buscaram incluir os grupos teutos nas dinâmicas sociais e políticas do sul do Brasil. Deste modo, tais movimentos dirigidos pela Ordem dos Jesuítas referem-se “[à] incorporação de novos segmentos sociais não mais provenientes da campanha, mas das colônias” (Coradini, 1998, p. 122) na transição do Império para a República. A despeito da questão da valorização do sentimento de “germanidade” entre os grupos da região de imigração inculcada pelos jesuítas que, de certo modo, dificultou sua incorporação ao Estado, o desenvolvimento econômico das regiões coloniais, baseado na pluricultura, respaldava o poder de barganha dos representantes teutos junto ao Estado.

⁴ Conforme o relato de Schupp (2004 [1912]), essas Congregações Marianas para moços, fundadas a partir de 1896, destinadas aos filhos das colônias residentes na capital do Estado inicialmente foram dirigidas pelo Pe. Alois Schuter e posteriormente pelo Pe. Fuhr.

No entanto, a permanência da Companhia de Jesus na transição do período imperial para o republicano no Rio Grande do Sul, conforme Ambros Schupp (2004 [1912]), foi ameaçada, porque no esboço da Constituição republicana havia um artigo que previa a extinção da Ordem. Neste sentido, Schupp (2004 [1912]) relata, embora sem comprovação histórica, que um grupo de jovens republicanos candidatos à Constituinte de 1890, dentre os quais Júlio de Castilhos, prometeu aos jesuítas a supressão de tal artigo, o que de fato ocorreu.

Destaca-se, nesta direção, que na própria Constituição republicana do Rio Grande do Sul, de 1891, elaborada quase integralmente por Júlio de Castilhos, um artigo foi benéfico aos investimentos educacionais da Igreja Católica em geral e dos jesuítas em particular. Trata-se da abstenção do governo republicano em prover a educação secundária. Portanto, o ensino primário

teve um caráter neutro, laico, promovido pelo Estado, e o secundário ideológico, agenciado pelas iniciativas privadas. Sendo assim, a Igreja foi beneficiada. Se antes, ainda durante o período imperial, a Igreja, sob a liderança inicialmente do Bispo Dom Feliciano Prates, e depois de Dom Sebastião Dias de Laranjeira, contava com poucas instituições educacionais, com o advento da República proliferaram escolas mantidas por diversas ordens religiosas. Sobressaiu-se, neste sentido, a estratégia do Bispo Cláudio Ponce de Leão, desde os primórdios da República, de atrair padres católicos, de várias ordens e congregações religiosas, impossibilitados de atuarem em seus países de origem. Conforme o Quadro 1.

Portanto, após a Constituição republicana houve um incremento de educandários católicos de diversas ordens religiosas. No entanto, a Ordem dos Jesuítas já havia estabelecido sua principal instituição educativa

Quadro 1. Escolas Católicas no Rio Grande do Sul (1870-1910).

Chart 1. Catholic Schools in Rio Grande do Sul State (1870-1910).

Colégio	Congregação	Ano	Local
Nossa Senhora da Conceição	Jesuítas	1870	São Leopoldo
Nossa Senhora dos Anjos	Franciscanas da Penitência	1881	Porto Alegre
Externato Nossa Senhora da Conceição/ Colégio dos Padres	Jesuítas	1890	Porto Alegre
Gonzaga	Jesuítas/ Lassalistas	1894	Pelotas
Stela Maris	Jesuítas/ Maristas	1899	Rio Grande
Bom Conselho	Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã	1900	Porto Alegre
São José	Irmãs de João José	1903	Vacaria
Sévigné	Irmãs de São José	1904	Porto Alegre
Nossa Senhora do Rosário	Maristas	1904	Porto Alegre
Leão XIII	Salesianos	1904	Bagé
Maria Auxiliadora	Salesianos	1904	Bagé
Sant'Ana	Maristas	1905	Santa Maria
Santa Maria	Maristas	1905	Santa Maria
Divino Coração	Bernardinas	1905	Alegrete
São Pedro	Maristas	1906	Passo Fundo
Sagrada Família	Franciscanas	1907	Porto Alegre
Anchieta	Jesuítas	1908	Porto Alegre
Nossa Senhora das Dores	Lassalistas	1908	Porto Alegre
La Salle	Lassalistas	1908	Canoas
Nossa Senhora do Socorro	Irmãs de Santa Catarina	1909	São Gabriel
São José	Irmãs São José	1910	Pelotas

Fonte: Elaborado a partir de Lutterbeck (1977), Amaral (2008) e Seidl (2008).

anteriormente ao período republicano. Trata-se do Ginásio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, e o seu externato, o Colégio dos Padres, em Porto Alegre. O Ginásio Conceição, que em sua origem era destinado à formação escolar dos grupos teutos e seus descendentes, após o sucesso de seus alunos nos exames chamados de parcelados e sua equiparação ao Colégio Dom Pedro II, em 1900, passou a ser a instituição escolar preferida das elites rio-grandenses e catarinenses, como relata Lutterbeck (1977, p. 100):

O Colégio Leopoldense, fundado para outros fins, passou a ser a instituição preferida dos fazendeiros gaúchos e catarinenses, máxime de Lages, bem como de gente abastada de outros Estados brasileiros, entre os quais do Rio de Janeiro, da Bahia e do Mato Grosso. [...] O Conceição, como era chamado, formou com o tempo uma verdadeira elite de intelectuais, que ocuparão posições de destaque nos meios civis, eclesiásticos, militares e governamentais.

No final do século XIX mais de 80% dos alunos do Colégio Conceição adivinharam de famílias lusas, deslocando, deste modo, o objetivo inicial da formação escolar dos filhos de imigrantes alemães para atender as elites estaduais concentradas na capital do Estado. Conforme Lutteberck (1977), foi graças à mudança de clientela no Ginásio Conceição – dos imigrantes alemães e seus descendentes para os grupos lusos mais abastados – que os jesuítas não foram expulsos do Rio Grande do Sul logo depois da instauração do regime republicano. Entretanto, além desses elementos mais específicos de escolarização dos filhos dos membros dos grupos social e economicamente mais relevantes no início do período republicano promovido pelo Ginásio Conceição, a manutenção da Ordem dos Jesuítas no Estado refere-se a um processo mais amplo.

Trata-se do fato que o projeto político e social dos republicanos teve pontos de intersecção com os postulados da Igreja, os quais os jesuítas defendiam, como o antiliberalismo, o moralismo e o conservadorismo. Esse *modus vivendi* de certa forma harmônico entre a Igreja e o Estado republicano assentava-se, sobretudo, na crítica ao individualismo liberal e na solução autoritária adotada, ou seja, na institucionalização de um Estado forte promotor do progresso social (Isaía, 1998). Destaca-se, nessa direção, que a educação promovida nos ginásios dos jesuítas ia de encontro ao cidadão que os republicanos almejavam em seu projeto, uma vez que ela “procurava reproduzir sujeitos regulados, empreendedores e refinados, do sexo masculino, particularmente aqueles que se preparavam para integrar a elite dirigente” (Dallabrida, 2001, p. 9).

Até o Partido Católico, criado após a proclamação da República, cujos membros na sua maioria eram de origem teuta e ligados às práticas associativas dos Jesuítas, após seu fracasso eleitoral, ligou-se ao projeto republicano a partir de 1891 (Rambo, 1995). Assim como esse relacionamento também se refletiu na composição do Partido Republicano Riograndense, uma vez que vários católicos foram eleitos para a Assembleia na defesa do projeto castilhista e borgista, como Luís Englert, Jacob Kroeff Neto, Alberto Bins, Adolfho Luiz Dupont e o Monsenhor Nicolau Marx. Portanto, mesmo que houvesse oposição aos republicanos por parte dos católicos, de forma geral houve uma justaposição entre os dois projetos de regeneração social.

É claro que um dos indicadores dessa aproximação entre o projeto republicano e o da Igreja traduz-se nos incentivos dados pelo governo republicano para a manutenção dos investimentos educacionais da Igreja, e dos jesuítas em particular, no Rio Grande do Sul. Nesta direção, até o Ginásio Conceição virar Seminário, em 1913, e os jesuítas se dirigirem para a formação das elites estaduais concentradas na capital do Estado no Ginásio Anchieta, os governos republicanos foram benéficos à influência jesuítica no espaço social rio-grandense, seja através da isenção de impostos para o Colégio, ou na atração de demais missões jesuíticas ao Estado (Isaía, 1998).

Em relação a esse último aspecto, o depoimento de Oswaldo Leite (2004, p. 570) sobre a relação do líder republicano Borges de Medeiros⁵ com os jesuítas é ilustrativo: “Quando, em 1910, os inacianos expulsos de Portugal, tentando estabelecer-se no nordeste, encontraram oposição das forças contrárias aos jesuítas, uma voz se ergueu no sul do Brasil: *Se não há lugar para eles, podem vir para o sul, porque estes eu conheço.*” Loiva Otero Felix também relata as relações que o então governador Borges de Medeiros construiu com alguns padres jesuítas, como o Pe. Rick S.J., que o visitava constantemente e “*detinha poder de barganha [...]*” (Felix, 1994, p. 83).

Situação similar os jesuítas da missão alemã encontraram com os líderes republicanos de Santa Catarina. Como boa parte da elite política catarinense havia estudado no Ginásio Conceição, ou então os membros desta elite conheciam alguns dos jesuítas deste educandário que circulavam eventualmente em Florianópolis, chamaram-nos para administrar um ginásio nos moldes daquele de São Leopoldo. Assim, embora não sem oposição, a administração do Colégio Públco Catarinense foi entregue aos jesuítas, em 1905, e suas atividades foram iniciadas em 1906. Rogério Luiz de Souza (2007, p. 240) ilustra esse processo:

⁵ Borges de Medeiros, na década de 1940, converteu-se ao catolicismo e frequentou as atividades da Congregação Mariana dos Jesuítas.

Civilizar as futuras lideranças políticas do Estado era a palavra de ordem, com o propósito de preparar jovens para cumprir os deveres de perfeitos cidadãos do Estado e da pátria. E assim, esperavam-se firmar na masculinidade branca e rica o domínio da esfera pública e a direção da utopia civilizadora. Trazer os jesuítas de São Leopoldo (Rio Grande do Sul) e da Alemanha era, portanto, a condição sem a qual esse ideal poderia estar comprometido. Oportunizar a civilização e a catolicidade romana, dizia o vigário geral de Florianópolis, padre Francisco Topp, natural de Warendorf (Alemanha), dependia das ordens religiosas européias e das escolas. E o Colégio Catarinense, fundado pelos jesuítas da missão alemã, veio a se transformar no espaço privilegiado de formação e preparação de um novo sujeito.

Sua fundação foi marcada, sobretudo, de um lado pelo fracasso das instituições anteriores e do próprio colégio público em firmarem-se no ensino secundário e equipararem-se ao Colégio Dom Pedro II do Rio de Janeiro (especialmente o Colégio Catarinense), e, por outro, por boa parte da elite política catarinense ter estudado no Ginásio Conceição de São Leopoldo. Deste modo, por iniciativa do governador Vidal Ramos (1902-1905), antigo egresso do Ginásio Conceição, o colégio catarinense passou para a iniciativa privada – a Companhia de Jesus – embora contasse com subsídios do poder público (Dallabrida, 2001).

A carreira eclesiástica de outro antigo egresso do Ginásio Conceição também facilitou a manutenção e o desenvolvimento das atividades dos Jesuítas no sul do Brasil. Trata-se de Dom João Becker, que, enquanto Bispo de Santa Catarina, em 1908, alocou aqueles jesuítas de língua alemã expulsos de Portugal no Colégio Catarinense e nos Seminários. Assim como, quando assumiu a Arquidiocese de Porto Alegre, em 1912, passou para os jesuítas a formação do clero no Seminário Episcopal, que até então estava nas mãos dos lazistas, o que incentivou muito daqueles escolásticos alocados no Ginásio Catarinense a deslocarem-se para o Ginásio Anchieta de Porto Alegre, dentre eles o Pe. Werner Von und zur Mühlen S.J., cujas ideias influenciaram e marcaram a formação da elite intelectual do Rio Grande do Sul.

Essas informações, de certo modo, confirmam um dos postulados do estudo pioneiro de Fernando Trindade (1982), que situa a ascensão do grupo católico ligado aos empreendimentos dos jesuítas a partir da nomeação, em 1912, de Dom João Becker para a Arquidiocese de Porto Alegre. Neste sentido, a fundação e o desenvolvimento do ginásio Anchieta são um dos elementos centrais, uma vez que foi um espaço privilegiado na formação e renovação do grupo católico. Este Ginásio, desde 1890, era conhecido

como o Colégio dos Padres, criado pelo Pe. Trappe S.J., um órgão complementar da Igreja São José, e externato do Ginásio Conceição. Apenas em 1908 tornou-se independente, quando chegou à matrícula de 418 alunos e conseguiu a equiparação, pelo governo federal, à excelência acadêmica do Ginásio Nacional Dom Pedro II.

Portanto, o Ginásio Anchieta reproduziu na capital do Estado a tradição escolar do Colégio Conceição, representando, assim, os “investimentos educacionais das Igrejas baseadas nas colônias, no caso, como estratégia própria de uma Ordem, a dos jesuítas, no sentido da educação das elites regionais” (Coradini, 2003, p. 14). Claro que, para isto, a missão alemã dos jesuítas deparou-se com certas condições que permitiram o desenvolvimento de suas atividades, a exemplo da sua associação aos grupos de imigração alemã e a aproximação do projeto da Igreja Católica com o dos republicanos em torno dos ideais de regeneração social.

Além de questão da formação escolar daqueles grupos que integraram o governo republicano ou as variadas instâncias de poder, destaca-se que o Ginásio Anchieta aprofundou um dos instrumentos de restauração católica dos jesuítas iniciados no antigo Ginásio de São Leopoldo. Trata-se das Congregações Marianas criadas dentro desses educandários, dirigidas pelos escolásticos alemães que produziram um apostolado leigo dos jesuítas, cujas trajetórias impulsionaram a renovação do movimento católico no Rio Grande do Sul durante o século XX, como se analisa abaixo.

O apostolado leigo dos jesuítas e o pertencimento ao projeto de restauração católica no RS

Para a formação do seu apostolado leigo, os “Jesuítas do Colégio Anchieta intensificaram um programa educacional que, ultrapassando o terreno escolar propriamente dito, fosse capaz de oferecer uma alternativa de vida embasada em parâmetros diversos do *ethos* mental da camada tradicionalmente dominante no Estado” (Isaía, 1998, p. 117). Neste sentido, ofereciam “aos acadêmicos cursos de atualização cultural, onde se procurava mostrar a fragilidade do pensamento divorciada do magistério católico, como se continuava a reuni-los periodicamente nas reuniões da Congregação Mariana, bem como concentrá-los em repúblicas diretamente ligadas aos padres” (Isaía, 1998, p. 118). Portanto, as Congregações Marianas originárias no Ginásio Anchieta e dirigidas pelos jesuítas constituem o elemento fundamental para compreender a configuração do laicato intelectual católico do Rio Grande do Sul, pois representaram um espaço de cooptação das elites sociais e econômicas para o projeto de restauração católica.

Boa parte dessa elite recrutada pelos jesuítas em seu projeto de restauração católica fez parte de Congregações Marianas desde sua formação ginasial. Inicialmente, no Ginásio Anchieta, participaram da CMM *Nossa Senhora da Glória*, fundada em 1909; quando seguiram seus cursos superiores, atuaram naquela destinada aos acadêmicos (*Mater Salvatoris*) e, depois de formados, integraram a CMM *Auxilium Christianorum*. A princípio, o fato de ter integrado as CMMs, dado seu caráter de devoção à Virgem Maria, não teria tanto impacto no projeto de restauração católica. No entanto, para o caso em questão, o laicato atuante da Igreja Católica no Rio Grande do Sul não foi formado em torno dos bispos católicos⁶, mas em torno dos escolásticos do Ginásio Anchieta, que assumiam nas Congregações Marianas o papel de diretores espirituais. Conforme Seidl (2008, p. 98):

Esses agentes religiosos formados na Europa e rapidamente notabilizados no Rio Grande do Sul pela fama de excelentes educadores, recrutaram e instrumentalizaram homens incumbidos de levar o catolicismo ao interior de suas redes de relações familiares e de amizades, de suas profissões e, em especial, às esferas sociais mais visíveis como a política e a cultural.

Portanto, em torno desses agentes religiosos, professores do Ginásio Anchieta, diretores espirituais das Congregações Marianas, desenvolveu-se o movimento católico no Rio Grande do Sul e foi formado um apostolado leigo ligado aos jesuítas. Por isso, destacamos o que estes agentes religiosos representaram para o grupo.

A influência mais marcante, entre os grupos católicos advindos das Congregações Marianas, foi, sem dúvida nenhuma, o padre jesuíta de origem nobre Werner Von und zur Mühlen. Este veio para o Brasil quando foram proibidas as atividades das Congregações Católicas, em Portugal, país em que atuava. Entre 1923 a 1939, foi professor do Colégio Anchieta, além de orientador espiritual da Congregação Mariana “Mater Salvatoris”, onde deu conferências e cursos livres sobre Psicologia e Filosofia, a exemplo do seu estudo sobre “O livre-arbítrio”, publicado em 1919, o qual teve grande repercussão.

A homenagem prestada pelo professor de Botânica do Colégio Anchieta e, na época, catedrático de Antropologia da Faculdade de Filosofia da UFRGS, Balduíno Rambo (1940, p. 15), reproduzida no primeiro volume da revista *Estudos da Associação de Professores Católicos*, demonstra como Padre Werner era visto pelos seus discípulos:

Dono da ciência profana e sagrada de dois milênios de estudos eclesiásticos, portador de uma dignidade essencialmente superior às forças da natureza humana, depositário da confiança de três gerações de acadêmicos, guarda do segredo profissional de milhares de consultas espirituais e do sigilo sacramental de milhares de confissões, o vulto do sacerdote Werner Von und zur Mühlen se levanta aos nossos olhos na penumbra dos arcanos da mediação entre Deus e os homens, mediação misteriosa, que constitui o sacerdócio católico.

Entre tantas vocações de Padre Werner, Rambo (1940, p. 15) assinalou como a mais importante a cristianização da nova juventude acadêmica de Porto Alegre. Em suas palavras:

Neta duma era de positivismo filosófico, a juventude estudiosa clamava, por alguém que lhe saciasse a fome inata do espírito humano pela metafísica: foi o Padre Werner que lhe abriu os tesouros imortais da filosofia perene. Filha de uma era eivada de materialismo, a juventude necessitava de um guia, que lhe ajudasse a reivindicar os direitos inauferíveis das verdades transcendentais da espiritualidade: foi o Padre Werner que a conduziu a fonte inextinguível da filosofia espiritualista e sã. Rodeado pelos castelos de ar e os escombros caóticos do anarquismo da nossa era, a juventude precisava de um arrimo, de uma autoridade, de um fundamento capaz de sustentar o edifício espiritual da vida sincera, séria e verdadeiramente humana: foi Padre Werner que lhe descobriu o subsolo granítico dos princípios eternos de toda ciência, de toda a cultura, de toda atitude humanamente sólida e imperecedora. A vocação especial do Padre Werner foi de servir como núcleo de cristalização para as aspirações de sã filosofia da juventude acadêmica nova de Porto Alegre.

Foi dentro desse universo da Filosofia e da Psicologia do Padre Werner que muitos congregados se inseriram na docência, especialmente no ensino universitário, como Armando Câmara, Victor de Brito Velho, Ernani Maria Fiori e Álvaro Magalhães. A maioria dos congregados formados pelo Padre Werner, no decorrer de suas vidas, escreveram sobre ele (Magalhães, 1963; Azevedo, 1940; Bottini, 1940; Rambo, 1940; Medeiros, 1964), o que revela a importância que ele teve na formação integral dessas gerações. Além disso, esse círculo católico formado em torno do Pe. Werner agrupou vários segmentos da intelectualidade católica no período, tanto aqueles que foram ligados ao capuchinho

⁶ Como foi o caso, por exemplo, do laicato católico, da década de 1930, em torno de Dom Sebastião de Cintra Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, cujas expressões mais conhecidas foram Jackson de Figueiredo e Alceu de Amoroso Lima.

francês Frei Pacífico de Bellevaux (por exemplo, Armando Câmara), quanto aqueles cuja formação escolar deve-se aos irmãos maristas no Ginásio Rosário, em especial aqueles que cursaram os preparatórios com o Irmão Weibert (como o caso de Eloy José da Rocha).

Mesmo que Padre Werner não tenha publicado livros, sumas para a juventude, sua ação concentrou-se na formação intelectual e espiritual dos jovens nos seminários livres da congregação e nas orientações individuais dos congregados⁷. Como Werner não foi um grande orador, “fez com que seu zelo, suas idéias, seus ideais se divulgassesem pela boca de seus congregados, mais moços, mais ardentes, mais inteirados da realidade da vida no grande público” (Rambo, 1940, p. 16). De fato, Werner formou “um exército católico de combate” especialmente pela atuação dos mais jovens no espaço social rio-grandense, como Francisco Machado Carrion, Victor de Britto Velho, Carlos de Britto Velho e Ernani Maria Fiori, uma vez que atuou como assistente eclesiástico em quase todas as associações desse grupo de católicos até seu falecimento, em 1939, a exemplo de sua atuação no Centro Católico de Acadêmicos e na revista *Idade Nova*.

Embora não tenha tido uma trajetória escolar típica do grupo católico em torno do Pe. Werner, o depoimento de Laudelino Medeiros⁸ – que foi catedrático de Sociologia da Universidade Federal – é esclarecedor da influência deste religioso:

Eu já era da Congregação Mariana no ginásio em Santa Maria, mas quando me transferi para Porto Alegre, eu vim residir na Independência, 482, aonde havia certa pensão para estudantes, organizada e patrocinada pela congregação Mariana. Inclusive conhecida como pensão do Padre Werner, e o Padre Werner ficava brabo, dizia que não tinha pensão é a casa “Mater Salvatoris”. De fato, continuei minha vida de congregado na Congregação e lá eu pude conviver com congregados de várias áreas, e esse convívio, inclusive, foi muito salutar para mim, porque eu tinha feito um curso secundário que foi razoavelmente bom, porque o ginásio de Santa Maria era um dos melhores da época, apesar de ser dos irmãos Maristas e era ensino médio. Tanto que meu primeiro contato com a Universidade foi através da Congregação Mariana, eu tive toda a influência dessas boas cabeças que estavam por lá e, sobretudo da orientação pessoal de Padre Werner.

Anteriormente e na época em que o Pe. Werner atuou, outros agentes religiosos do Ginásio Anchieta se notabilizaram no Rio Grande do Sul, como o jesuíta Pe. Henrique Lanz, diretor deste educandário de 1907 a 1914. Como ilustra o discurso de Amadeo de Oliveira Freitas – à época professor da Faculdade de Direito e diretor do jornal católico *A Nação* – na ocasião do falecimento do padre Lanz, em 1942:

Granjeou um prestígio excepcional no seio da sociedade porto alegrense, quando diretor do Ginásio Anchieta. Distinguia-se, sobremaneira, por sua imensa bondade e alta distinção, que traíam a nobreza da importante família de que descendia. Fez parte da pléiade de jesuítas europeus, que vieram educar a mocidade riograndense, logo após os tempos difíceis da queda do império. O Pe. Henrique Lanz soube ser um grande apóstolo contemporizando com os preconceitos, que então vicejavam, no caldo de cultura do livre pensadouroismo da 1ª República, trazendo imensos benefícios, diretos ou indiretos, a números alunos. Ao registrarmos o passamento do grande e boníssimo filho de Santo Inácio de Loiola, fazemo-lo, compungidos, meditando sobre os beneméritos mestres, seus contemporâneos, no ensino secundário da mocidade riograndense, que se consagraram à educação de tantas gerações e também já desapareceram. Entre eles recordamos os sábios historiadores Padres Hafkemayer, Teschauer; o notável e virtuoso filósofo Pe. Werner Von Und Zur Mühlen, o exímio diretor de almas, que foi o bondoso Pe. Carlos de Souza Gomes e tantos outros espíritos e caracteres excepcionais, grandes continuadores da obra jesuítica da fundação nacional em alicerces inamovíveis. Não podemos deixar de assinalar, cada vez que escrevemos sobre os professores dos Ginásios Anchieta e Conceição, a contribuição que os filhos da Europa, soldados da Companhia de Jesus, trouxeram a formação do Brasil, e à luta pela sua regeneração moral e cívica (Freitas, 1942, p. 67-68).

O apostolado leigo formado pelos jesuítas no Ginásio Anchieta e nas Congregações Marianas tem em comum, além da formação escolar e religiosa, a múltipla inserção social e profissional. São os mesmos que “atuavam na política, na Universidade e na prática religiosa” (Trindade, 1982, p. 40). Além disso, tiveram destacada atuação nas suas

⁷ Dentre os acadêmicos e formados das Faculdades de Direito, Medicina, Engenharia que frequentaram os seminários e seguiram a orientação de Pe. Werner estão Armando Câmara, Ary de Abreu Lima, Armando Dias de Azevedo, Alberto Pasqualini, Eloy José da Rocha, Ruy Cirne Lima, Álvaro Magalhães, Dante de Laytano, Luiz Pilla, Darcy Azambuja, Carlos de Britto Velho, Ernani Maria Fiori, Francisco Machado Carrion, Romeu Mucillo, Othelo Laurent, Victor de Britto Velho, Mário Bernd, Décio de Souza, entre outros, conforme Memórias da Congregação dos Acadêmicos “Mater Salvatoris” (1926, 1932, 1933, 1935).

⁸ Depoimento sobre a Geração Católica no RGS concedido a Fernando Trindade em 1980, transscrito pela autora após localizar a fita cassete no CISOAL – ILEA/ UFRGS (Grupo de Estudos em Ciências Sociais na América Latina) (Medeiros, 1980).

profissões liberais, como advogados, engenheiros e médicos, assumindo, na maioria das vezes, posições de liderança na criação das incipientes associações profissionais. De forma esporádica, esses católicos destacaram-se nos meios literários, seja através de colaborações via jornais de circulação regional, ou nos meios de difusão da cultura erudita, como a literatura. Em relação à multidimensionalidade de esferas de atuação do grupo católico, ressalta Coradini (2003, p. 16):

Além da formação da Associação dos Educadores Católicos, em 1949, e da Liga Eleitoral Católica, ainda na década de 1930, passou a ocorrer um movimento com um conjunto de ações e uma rede crescentemente ampla de grupos, abrangendo mais diretamente um amplo leque de esferas sociais, que vão desde as questões trabalhistas através dos Círculos Operários, e da política partidária, à educação universitária. Além disso, apesar da resistência ou ambivaléncia frente à política partidária, em nome do grupo, boa parte dos principais líderes desse catolicismo acabaram nela atuando – com diferentes graus de continuidade e desacertos – bem como no ensino universitário.

Com efeito, atuaram de forma mais significativa na esfera educacional, seja como docentes dos educandários secundários, dos cursos pré-universitários do Colégio Universitário, e, especialmente, como docentes e diretores das unidades acadêmicas dos projetos universitários que emergiam. Tal padrão de inserção social pela via educacional é verificado nas trajetórias de quase todo o grupo, como Armando Dias de Azevedo, Armando Câmara, Ernani Maria Fiori, Laudelino Teixeira de Medeiros, Rui Rodrigo Brasileiro Azambuja, Mário Goulart Reis, Álvaro Magalhães, Carlos de Britto Velho, Vitor de Britto Velho, José Truda Pallazo, Biase Faraco, Mário Bernd, Francisco Machado Carrion, dentre outros. O sentido atribuído a essa atuação na Universidade e como se projetavam é representado pelo depoimento de Francisco Machado Carrion (1980, p. 678):

Esse grupo resolveu tomar conta da Universidade por uma tendência natural e dar nossa orientação às cadeiras, com discussões, conferências, congressos. De modo que essa turma se projetou no país. Esse grupo mudou completamente o panorama do Rio Grande, cultural, religioso e político. Organizado, comandou. Pesou na balança. Os políticos ouviam nossas proposições. Os Bispos tinham muita confiança em nós. Era uma questão de autoridade.

Um dos pontos pouco destacados em relação aos membros desse grupo católico ligado aos jesuítas é que regressaram ao Anchieta durante toda a vida, seja como palestrantes eventuais e/ou professores. Buscavam repro-

duzir a tradição escolar e religiosa para as novas gerações com a qual foram socializados pelos religiosos alemães. O discurso como paraninfo da turma de 1935 de Luiz Leseigneur de Faria, que se notabilizou como professor deste educandário, além da sua atuação na Faculdade de Engenharia, é ilustrativo da continuidade do projeto de restauração católica dos jesuítas via a educação:

Escolhendo-me para vos paraninfar elegestes um dos que representa sem dúvida o fruto da educação dada por esse grande Ginásio e a vossa escolha significa a confirmação de que quiseste na minha pessoa concretizar vossa aprovação por todos os métodos e processos usados pelos jesuítas na instrução e na educação da mocidade; porque, anchietao na infância e na juventude, ligado a este ginásio por laços de amizade e religião no período de instrução superior, e anchietao na minha atividade atual não esposar nem admitir princípios que divirjam das verdades dogmáticas por eles pregadas e defendidas com intransigência e que indubitavelmente têm guiado e hão de guiar o meu espírito e o de todos aqueles antigos anchietaos, que ainda se mantém no caminho da honra e do dever (Faria, 1935, p. 55).

Portanto, um dos elementos fundamentais da formação e da atuação desse grupo católico foi a influência dos escolásticos alemães do Ginásio Anchieta e das Congregações Marianas. A partir dos grupos formados por eles que o projeto de restauração católica dos jesuítas foi reproduzido no Rio Grande do Sul.

Considerações finais

A bibliografia disponível sobre a romanização do catolicismo no Brasil concentrou-se na formação e na atuação dos quadros eclesiásticos da Igreja Católica, no recrutamento da elite intelectual e no significado da atuação desses intelectuais (especialmente aqueles do *Centro Dom Vital* e da revista *A Ordem*) para o projeto de restauração católica.

Estas análises mais gerais, embora considerem o papel das ordens religiosas na formação dos quadros eclesiásticos da Igreja e na implantação do sistema de ensino católico, relegam a um segundo plano a atuação dos agentes dessas ordens no sentido de fomentar movimentos católicos de leigos atuantes no período de restauração católica, a exemplo da atuação dos jesuítas alemães no Rio Grande do Sul.

A partir desta constatação, esta breve descrição da trajetória da Ordem dos Jesuítas no Rio Grande do Sul demonstrou que os membros da Companhia de Jesus restaurada, através de instrumentos próprios, como seus

educandários católicos e congregações marianas, forjaram um apostolado leigo que atuou de forma expressiva e muitas vezes organizada nas diversas esferas do espaço social rio-grandense.

Referências

- AMARAL, G.L. 2008. O ensino secundário laico e católico no Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX: apontamentos sobre os Ginásios Pelotense e Gonzaga. *História da Educação (UFPel)*, 12:119-139.
- AZEVEDO, A.D. 1940. Padre Werner. *Estudos*, 1(2):30-31.
- BOTTINI, A. 1940. O Padre Werner. *Estudos*, 1(2):56-63.
- CORADINI, O. 2003. As missões de “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, 32:125-144.
- CORADINI, O. 1998. *Elites culturais e concepções de Política no Rio Grande do Sul entre as décadas de vinte e sessenta*. Relatório de Pesquisa para o CNPq. Porto Alegre, 30 p.
- CARRION, F.M. 1980. Depoimento sobre a LEC. In: UFRGS, *Simpósio sobre a Revolução de 1930*. Porto Alegre, ERUS, p. 677-690.
- DALLABRIDA, N. 2001. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catariense na Primeira República*. Florianópolis, Cidade Futura, 293 p.
- DE BONI, L. 1980. O catolicismo de imigração: do triunfo à crise. In: J. DACANAL, RS: *Imigração e colonização*. Porto Alegre, Mercado Aberto, p. 234-255.
- FARIA, L.L. 1935. Fala o paranympho. In: *Relatório do Gymnasio Anchieta* (Departamento masculino do externato do Gymnasio do Estado). Porto Alegre, Tipografia do Centro, p. 54-59.
- FELIX, L.O. 1994. Religião e política: os teuto-brasileiros e o PRR. In: C. MAUSCH; N. VASCONCELLOS (orgs.), *Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas, Editora da ULBRA, p. 77-85.
- FREITAS, A.O. 1942. Rev. Padre Henrique Lanz. In: *Relatório do Ginásio Anchieta* (Externato masculino do Ginásio do Estado). Porto Alegre, Tipografia do Centro, p. 67-69.
- ISAIA, A.C. 1998. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 231 p.
- KREUTZ, L. 1991. *O professor paroquial: Magistério e imigração alemã*. Porto Alegre/Florianópolis/Caxias do Sul, Ed. UFRGS/Ed. da UFSC/EDUSC, 167 p.
- LACOUTURE, J. 1993. *Os Jesuítas 2: O regresso*. Lisboa, Referência Editorial Estampa, 467 p.
- LEITE, L.O. 2004. A década anchieta. In: H. TRINDADE; L.O. LEITE (orgs.), *Leônidas Xausa*. Porto Alegre, Editora UFRGS, p. 569-596.
- LEONARDI, P. 2002. *Puríssimo Coração: Um colégio de Elite em Rio Claro*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 220 p.
- LUTTERBECK, J. 1977. *Jesuítas no Sul do Brasil*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de pesquisas, 171 p. (Publicações avulsas, n. 3).
- MAGALHÃES, A. 1963. Um nobre alemão que amou acertadamente o Brasil: “Werner Von Zur Muhlen”. *Correio do CRPE*, 4(34):28-31.
- MANOEL, I.A. 1996. *A Igreja e a educação feminina (1859-1910): Uma fase do conservadorismo*. São Paulo, EDUNESP, 101 p.
- MEDEIROS, L.T. 1980. Depoimento sobre a Geração Católica no RGS concedido a Fernando Trindade. Transcrito por Lorena Madruga Monteiro. CISOAL – ILEA/ UFRGS (Grupo de Estudos em Ciências Sociais na América Latina).
- MEDEIROS, L. 1964. Padre Werner. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 15/08/1964.
- MEMÓRIAS DA CONGREGAÇÃO DOS ACADÊMICOS “MATER SALVATORIS”. 1926. Porto Alegre, Typ Selbach & Cia, 2 p.
- MEMÓRIAS DA CONGREGAÇÃO DOS ACADÊMICOS “MATER SALVATORIS”. 1932. Porto Alegre, Typ Selbach & Cia., 2 p.
- MEMÓRIAS DA CONGREGAÇÃO DOS ACADÊMICOS “MATER SALVATORIS”. 1933. Porto Alegre, Typ Selbach & Cia, 2 p.
- MEMÓRIAS DA CONGREGAÇÃO DOS ACADÊMICOS “MATER SALVATORIS”. 1935. Porto Alegre, Typ Selbach & Cia, 2 p.
- MICELI, S. 1988. *A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Bertrand-Brasil, 232 p.
- RAMBO, A.B. 2002. Restauração católica no sul do Brasil. *História, Questões e Debates*, 36:279-304.
- RAMBO, A.B. 1995. Os católicos e a Revolução Federalista. In: A. RAMBO; L.O. FELIX (orgs.), *Revolução Federalista e os Teuto-Brasileiros*. São Leopoldo/Porto Alegre, Ed. Unisinos/Editora da Universidade UFRGS, p. 39-56.
- RAMBO, B. 1940. Um apostólogo da inteligência: O Padre Werner. *Estudos*, 1(1):14-20.
- SCHUPP, A. 2004 [1912]. *Missões dos jesuítas alemães no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, Unisinos, 268 p.
- SEIDL, E. 2003. *A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. UFRGS, 462 p.
- SEIDL, E. 2008. Escola, religião e comunidade: elementos para compreensão do “catolicismo imigrante”. *Pensamento Plural*, 2:77-104.
- SERBIN, K. 2008. *Padres, celibato e conflito social: Uma história da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 446 p.
- SERBIN, K. 1992. Os Seminários: Crise, experiências e síntese. In: P. SANCHIS (org.), *Catolicismo: modernidade e tradição*. São Paulo, Loyola, p. 91-152.
- SOUZA, R.L. 2007. O Colégio dos Jesuítas em tempos de nacionalização. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA, XXVI, Rio de Janeiro, SBPH, 2007. *Anais...* 1:240-249.
- TRINDADE, F. 1982. Uma contribuição à história da Faculdade de Filosofia da UFRGS. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UFRGS*, X:39-53.
- WRIGHT, J. 2006. *Os jesuítas: Missões, mitos e histórias*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 300 p.

Submetido em: 25/08/2010

Aceito em: 14/10/2010

Lorena Madruga Monteiro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados
Av. Bento Gonçalves, 9500
Campus do Vale, Prédio 43322
91509-900, Porto Alegre, RS, Brasil